

A monitoria acadêmica como canal dialógico no processo de formação do nutricionista

Academic monitoring as a dialogical channel in the nutritionist training process

Ana Eliza Port Lourenço¹
Laís Vargas Botelho²
Márcia Regina Viana¹
Amábela de Avelar Cordeiro¹
Maria Gouvêa de Lacerda²
Inglidy Oliveira de Souza²

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos Plurais em Educação, Alimentação e Humanidades. *Campus* UFRJ-Macaé Professor Aloísio Teixeira, Macaé-RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Nutrição. *Campus* UFRJ-Macaé Professor Aloísio Teixeira. Macaé-RJ, Brasil.

Correspondência / *Correspondence*
Ana Eliza Port Lourenço
Email: aelourenco@gmail.com

Resumo

Objetivos: Relatar a experiência de monitoria no Eixo Saúde Coletiva do Curso de Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro, *Campus* UFRJ-Macaé, refletindo sobre essa prática enquanto estratégia de formação de nutricionistas. *Metodologia:* A monitoria no Eixo está delineada segundo a concepção de educação não hierarquizada e de reciprocidade, trabalhadas respectivamente por Paulo Freire e Simone de Beauvoir. Realizou-se análise de conteúdo dos relatos de experiência das autoras no âmbito da monitoria, numa perspectiva autoavaliativa. *Resultados e Discussão:* Esta experiência revelou a potencialidade da monitoria enquanto estratégia pedagógica na formação de nutricionistas, por agregar humanização e proporcionar um canal dialógico de aprendizado horizontal e recíproco. A monitoria contribui com a formação docente, sobretudo por estimular as professoras a repensarem sua prática pedagógica para melhor orientar as monitoras. Também estimula o protagonismo dos estudantes durante seu aprendizado, podendo favorecer maior autonomia profissional. Incompatibilidade de horário para trabalhar em equipe e pouca adesão discente às atividades propostas pelas monitoras foram os principais obstáculos identificados. No escopo das disciplinas, têm sido testados possíveis modos para superar tais dificuldades, porém com êxito diminuto. *Conclusões:* É imperativo discutir sobre monitoria em esferas acadêmicas superiores, visando ajustar o currículo dos cursos, de forma a incorporar horário específico para esse fim. Esta experiência advoga pela construção de nova cultura institucional, em que a monitoria esteja inserida na rotina acadêmica, inerente ao ensino,

articulada à pesquisa e à extensão, favorecendo a formação de profissionais autônomos, libertos e imbuídos de humanização no cuidado em saúde.

Palavras-chave: Monitoria. Educação Superior. Nutrição em Saúde Pública. Formação Profissional em Saúde. Docência.

Abstract

Purpose: To report the monitoring experience in the Axis of Collective Health of the Nutrition Course of the Federal University of Rio de Janeiro, *Campus* UFRJ-Macaé, Brazil, reflecting on this practice as a training strategy for nutritionists.

Methodology: The monitoring in the Axis is delineated according to the conception of non-hierarchical education and reciprocity, worked respectively by Paulo Freire and Simone de Beauvoir. Content analysis of the experience reports of the authors in the scope of the monitoring was carried out, in a self-assessment perspective. *Results and Discussion:* This experience revealed the potential of monitoring as a pedagogical strategy in the training of nutritionists, by adding humanization and providing a dialogical channel of horizontal and reciprocal learning. Monitoring contributes to professor training, above all by encouraging professors to rethink their pedagogical practice to better guide the monitors. It also stimulates the protagonism of the students during their learning, being able to favor greater professional autonomy. Time mismatch to work as a team and little student adherence to the activities proposed by the monitors were the main obstacles identified. Within the scope of the courses, possible ways to overcome such difficulties have been tested, but with little success. *Conclusions:* It is imperative to discuss monitoring in higher academic spheres, aiming to adjust the curriculum of the courses, in order to incorporate a specific time for this purpose. This experience advocates the construction of a new institutional culture, in which monitoring is inserted in the academic routine, inherent to teaching, articulated to research and extension, favoring the formation of autonomous professionals, freed and imbued with humanization in health care.

Keywords: Mentors. Education, Higher. Nutrition. Public Health. Health Human Resource Training. Teaching.

Introdução

A monitoria acadêmica encontra-se instituída legalmente no Brasil desde 1969 e está prevista na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).¹ Presente nos regimentos e projetos pedagógicos de diversas instituições de ensino superior (IES) no país, a monitoria é uma estratégia pedagógica na qual graduandos auxiliam no aprendizado de colegas menos adiantados nos cursos, favorecendo a superação de dificuldades e o aprofundamento dos conteúdos.²⁻³ Cabe aos docentes oportunizar aos monitores aproximação com o magistério e compartilhar sua experiência docente nos âmbitos educacional e administrativo. A partir da interação entre seus agentes (monitores, professores e alunos), a monitoria possibilita um aprendizado mais dialogado e contextualizado à realidade do alunato, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico.^{2,4}

Ressalta-se que na área de saúde é imprescindível uma formação profissional rica em criticidade e voltada às necessidades da sociedade, sobretudo no tocante às demandas de recursos humanos para o Sistema Único de Saúde (SUS).⁵ A implantação da Estratégia de Saúde da Família (ESF) e dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família incitou a reorganização das práticas de saúde na Atenção Básica e a reorientação da formação profissional em saúde, direcionando maior enfoque à humanização do processo de trabalho e ao aprendizado em equipe multiprofissional e interdisciplinar.⁶

Alinhadas a esses princípios, as diretrizes curriculares para os cursos de Nutrição ressaltam ser imperativa uma formação humanista, crítica e reflexiva, que favoreça a atuação profissional nas equipes de saúde.⁷ Dentre os obstáculos para que essa formação diferenciada ocorra, destaca-se que temas essenciais para a atuação no SUS, tais como a construção social da saúde e os desafios do trabalho em equipe, têm sido pouco trabalhados nos cursos de graduação.^{5,8} Acrescenta-se que a formação pedagógica dos docentes que lecionam na graduação em Nutrição necessita ser aprimorada, para se afinar com a formação profissional desejada.^{9,10}

A identidade profissional do nutricionista, ainda considerada difusa,⁹ é outro aspecto que pode interferir no direcionamento da formação em Nutrição, tendo em vista a falta de clareza sobre o papel do profissional que se almeja formar. A construção dessa identidade advém de um processo histórico, com origens na busca por autonomia profissional, diante da inicial subordinação do nutricionista à prática médica⁹. Destaca-se que a aquisição de autonomia pode contribuir para a definição da identidade profissional, por ser primordial para elucidar os papéis de cada profissional nas equipes de saúde.^{11,12} Nesse sentido, uma maior autonomia dos profissionais pode favorecer o desenvolvimento do trabalho em equipe, o qual tem sido identificado como um desafio para nutricionistas,^{5,13} bem como para outros profissionais de saúde.^{5,6,12} No caso de nutricionistas, além da necessidade de redirecionamento da formação para auxiliar a construção da autonomia profissional, cabe atentar para a questão de gênero e a opressão dela decorrente,^{14,15} que, por se tratar de uma profissão essencialmente feminina,^{16,17} podem vir a interferir na expressão da autonomia.

A monitoria guarda em si a potencialidade de contribuir com a formação requerida, pois cria um cenário de aprendizagem mais humanizado, em que se estimulam o protagonismo dos alunos, bem como a sensibilidade destes à necessidade do trabalho em equipe.^{2,4} A monitoria estimula que os graduandos estudem juntos e reflitam sobre seu próprio aprendizado.² Enquanto assim fazem, os alunos aprendem e ensinam entre si, mediados pelo professor e pelo mundo que os cerca, sendo fortalecidos pelo caráter transformador e libertador da educação¹⁸ por meio de uma pedagogia ativa, mediada pela intersubjetividade e facilitadora da construção de conhecimento a partir do cotidiano.

No entanto, o potencial da monitoria para contribuir com a formação de nutricionistas, bem como de outros profissionais de saúde, depende de um mosaico de aspectos, incluindo, por exemplo, o apoio das IES, o delineamento dos projetos pedagógicos dos cursos e a percepção dos diferentes atores sobre educação.⁴ Em graduações implantadas durante a conjuntura recente da expansão da educação superior,¹⁹ como o caso do Curso de Nutrição do *Campus* UFRJ-Macaé Professor Aloísio Teixeira (*Campus* UFRJ-Macaé), o corpo docente é recém-constituído e as matrizes curriculares se encontram em franca formação.²⁰ Tal perfil diferenciado pode ser oportuno para repensar a prática docente e a estrutura das matrizes, sendo a monitoria um caminho de diálogo entre os diferentes atores envolvidos nesse processo.

No cenário do Curso de Nutrição do *Campus* UFRJ-Macaé, o presente artigo tem por objetivo relatar a experiência de monitoria em disciplinas do Eixo Saúde Coletiva (ESC), e refletir sobre essa prática enquanto estratégia de formação de nutricionistas.

Metodologia

Contexto da formação em Saúde Coletiva no curso de Nutrição do *Campus* UFRJ-Macaé

O curso de Nutrição foi implantado no *Campus* UFRJ-Macaé em 2009, passando a compor a interiorização da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apresenta um projeto pedagógico que se diferencia dos currículos tradicionais, por ser pautado na aproximação com o campo prático desde os primeiros períodos e por se estruturar em eixos temáticos, favorecendo a integração de conteúdos e das disciplinas.²⁰

Em especial, as disciplinas do ESC direcionam a formação segundo o consenso sobre habilidades e competências de nutricionistas em Saúde Coletiva,²¹ buscando, ainda assim, valorizar a reflexão crítica sobre a realidade de saúde e nutrição. Objetiva-se superar a frequente dicotomia entre formação teórica e prática profissional, e entre a compreensão da saúde a partir de fenômenos biológicos em contraposição aos fenômenos sociais. O encadeamento em que ocorrem as disciplinas no ESC oferece um gradiente crescente de complexidade e aprofundamento sobre a realidade, já mostrada aos graduandos desde o primeiro período (quadro 1).

Quadro 1. Disciplinas do Eixo Saúde Coletiva do Curso de Nutrição do *Campus* UFRJ - Macaé, segundo carga horária e período de inserção curricular/2017

Disciplina	Carga Horária (horas)			Período curricular
	Total	Teórica	Prática	
Saúde da Comunidade	120	30	90	1º
Alimentação, Nutrição e Sociedade	45	45	-	3º
Métodos de Investigação Aplicada	105	90	15	3º
Práticas Integradas	15	-	15	3º
Educação Alimentar e Nutricional (I, II e III)	90	30	60	5º, 6º e 7º
Políticas e Programas de Saúde e Nutrição	90	90	-	6º
Subtotal	465	315	165	
Estágio Supervisionado em Saúde Coletiva	180	-	180	9º
Total	645	315	345	

A disciplina Saúde da Comunidade (SC) visa estreitar a distância entre os estudantes, o contexto dos serviços de saúde na rede SUS e a comunidade de Macaé. É uma disciplina de primeiro período, com diversas atividades práticas nos espaços territorializados da ESF e de centros de referência de assistência social. A metodologia pedagógica exercitada pela exposição às situações-problema remete aos pressupostos da Educação Popular em Saúde, numa perspectiva dialógica, emancipadora, humanista, participativa e criativa do trabalho em saúde junto aos usuários.²²

A disciplina Alimentação Nutrição e Sociedade (ANS) tem como tônica tratar a alimentação como ato social e político, contextualizando o percurso histórico da culinária familiar e a mercantilização que os alimentos e a alimentação vêm sofrendo sob a égide da modernidade. Apoiando-se em princípios filosóficos e antropológicos, a disciplina incentiva a crítica dos alunos em observar a comida como princípio de realização subjetiva, no qual os sujeitos se tornam conscientes de suas escolhas alimentares.

Métodos de Investigação Aplicada (MIA) e Práticas Integradas (PI) são disciplinas que articulam conteúdos teórico-práticos de Bioestatística, Epidemiologia e Epidemiologia Nutricional. Por meio da concepção da técnica diagnóstica voltada para a ação,²³ os alunos são convidados a refletir sobre a metodologia utilizada em estudos epidemiológicos, bem como sobre o papel social exercido por esses na descrição da realidade e no direcionamento de políticas e intervenções.

O campo da Educação Alimentar e Nutricional (EAN), como apresentado no Marco de Referência em Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas,²⁴ é trabalhado em três disciplinas, que discutem as correntes pedagógicas e permitem que os alunos planejem e executem ações educativas em diferentes cenários. O trio de disciplinas de EAN consolida a vertente da Educação Popular em Saúde²⁵ na formação e adota o referencial de Paulo Freire como linha condutora de suas discussões e práticas.^{15,18}

A disciplina Políticas e Programas de Saúde e Nutrição complementa a abordagem sobre as políticas públicas que se articulam com o campo da Alimentação e Nutrição, tendo como ponto de partida o contexto dos serviços de saúde de Macaé. A linha guia da formação em Saúde Coletiva completa-se no Estágio Supervisionado em Saúde Coletiva, disciplina em que os alunos podem exercitar de forma crítica e autônoma as atividades profissionais requeridas ao nutricionista nessa área.

Referencial teórico da monitoria no Eixo Saúde Coletiva

É no cenário pedagógico supramencionado que se insere a participação de monitores no processo de formação promovido pelo ESC. O trabalho pedagógico junto à monitoria procura seguir o mesmo percurso de formação adotado pelas disciplinas, a partir da valorização da humanização da atenção em saúde e do desenvolvimento da criticidade. Prima-se pelo referencial teórico freireano de educação não hierarquizada,^{15,18} buscando oportunizar aos monitores um contato próximo com os professores e graduandos do Curso. A monitoria no ESC considera também a concepção de Antônio Gramsci,²⁵ de que na educação reside a possibilidade de neutralizar os papéis de dominador e dominado, tão característicos da educação bancária.

Mais importante do que a apropriação do conteúdo técnico das disciplinas, busca-se despertar na monitoria no ESC o interesse pela docência e pelo vínculo que nasce entre os atores participantes. Tendo como orientação a noção de reciprocidade trazida por Simone de Beauvoir,²⁶ é incentivada a cooperação durante o aprendizado. Essa filósofa discute a ideia de construção recíproca da soberania em uma relação entre sujeitos, em que um abdica momentaneamente de sua soberania ontológica e cede espaço para o outro se constituir. À luz desse conceito, ergue-se a compreensão de que o canal dialógico proporcionado pela monitoria constitui um espaço de troca, sem o domínio de um ator sobre o outro, que incentiva a desconstrução de situações convencionalmente hierarquizadas, como a de professor-aluno e monitor-monitorado.

Atividades de monitoria desenvolvidas no Eixo Saúde Coletiva

As disciplinas do ESC começaram a integrar programas institucionais de monitoria e/ou apoio pedagógico em 2011, inicialmente com MIA e EAN. Atualmente, são recebidos monitores em SC, MIA, ANS e nas disciplinas de EAN.

As disciplinas acolhem monitores bolsistas e voluntários e organizam planos de trabalho anuais, personalizados, que incluem atividades semanais, desenvolvidas em horários diversos, conforme o perfil e a disponibilidade dos alunos. Dentre as atividades comumente desenvolvidas, estão aquelas de formação teórica, tais como: leituras dirigidas e discussão de textos sobre os temas das disciplinas e sobre pedagogia do ensino superior; além de atividades de prática docente supervisionada, como por exemplo: planejamento de aulas, correção de exercícios e elaboração de materiais didáticos. Os monitores e alunos também se reúnem extraclasse para a realização de estudos dirigidos, discussões de leituras e esclarecimento de dúvidas. Essas sessões têm ocorrido tanto presencialmente, quanto com utilização de ambientes virtuais, onde os monitores agendam “bate-papos” síncronos e/ou conduzem fóruns de discussão assíncrona.

Sistematização da experiência

A experiência relatada neste artigo refere-se àquela vivenciada pelas próprias autoras durante a condução de programas de monitoria vinculados às disciplinas do ESC do curso de Nutrição do *Campus* UFRJ-Macaé. Dentre as autoras se incluem graduandas, que têm atuado como monitoras; e docentes, com formação em Nutrição, coordenadoras e/ou colaboradoras nas disciplinas SC, MIA, PI, ANS e EAN. De maneira a contemplar a vivência de si mesmas enquanto mulheres, educadoras e aprendizes, as autoras se colocam aqui no papel de observadoras da própria ação, numa perspectiva autoavaliativa.

Cada uma das autoras respondeu individualmente por escrito a sete questões norteadoras sobre sua vivência relacionada à monitoria: (1) Qual era sua expectativa ao iniciar atividades de monitoria? (2) Que atividades você tem feito no âmbito da monitoria? (3) Como tem sido a vivência do que você tem feito? (4) Quais os êxitos e quais as dificuldades vivenciadas? (5) O que você tem aprendido com a vivência na monitoria? (6) Você tem sugestões para vivências futuras? (7) Na sua visão, a monitoria contribui para a formação do nutricionista? Por quê?

Posteriormente, uma das autoras sistematizou as reflexões, seguindo uma perspectiva qualitativa de análise temática do conteúdo.²⁷ As reflexões foram categorizadas e interpretadas de acordo com escopo teórico prévio, sobretudo no que tangencia três nós críticos da formação em Nutrição: humanização, formação docente e autonomia profissional.

Resultados e Discussão

Os objetivos basais da monitoria são permitir que o graduando vivencie a atividade docente, despertando seu interesse pela docência como uma possibilidade de atuação profissional; da mesma forma, procura aproximar o corpo docente do discente no processo de ensino.¹ A monitoria no ESC tem atendido a tais objetivos, pois expõe os monitores ao mundo dos professores e favorece a relação destes com os graduandos. Essa exposição aparece claramente no seguinte relato de uma das monitoras:

[...] a monitoria tem me mostrado um pouco do trabalho docente fora da sala de aula, pesquisando, preparando aulas, repensando conteúdos e metodologias pedagógicas [...]. Todo esse trabalho “nos bastidores” [da disciplina] dá suporte para minha atuação com os colegas [...]. A aproximação com os professores amplia muito a visão sobre a carreira docente e sobre o funcionamento da universidade, esclarecendo melhor sobre essa possibilidade de atuação profissional (Monitora-A).

Por parte das docentes, há o entendimento de que a monitoria se revela como facilitadora do processo de aprendizagem de graduandos “e de docentes, por que não?” (Professora-A), estabelecendo um canal de diálogo sobre impressões e dúvidas relacionadas aos fenômenos estudados em cada disciplina. Nesse sentido, a monitoria no ESC difere daquela observada em outros contextos, em que existe conhecimento diminuto por parte dos atores sobre o papel do monitor,³ que, por vezes, se limita à execução de tarefas técnicas, prejudicando a concretização do potencial educativo da monitoria.

Uma vez que nas disciplinas do ESC a monitoria se desenvolve afinada, em concepção e prática, com os princípios pedagógicos dessa estratégia educativa, abre-se a possibilidade de reflexão sobre os desdobramentos da monitoria para o ensino e a formação em Nutrição.

Monitoria: caminho de humanização e aprimoramento do ensino

Humanização em saúde²⁸ é um conceito central de discussão no âmbito da Atenção Básica, compreendido como um conjunto de princípios e modos de operação das relações dos profissionais entre si e com os usuários. A noção de humanização em saúde propõe valorizar a dimensão subjetiva das relações humanas, incentivando o acolhimento e as trocas solidárias, comprometidas com a promoção da saúde. Destaca-se que a humanização é uma das características principais previstas na formação de nutricionistas⁷ e de outros profissionais de saúde, e deve, portanto, ser exercitada no cotidiano universitário, favorecendo a formação de profissionais humanistas e cuidadores do próximo.

Esta experiência no ESC suscitou pensar a monitoria como um espaço para o exercício de princípios de humanização no contexto da vida acadêmica. No sentido de valorização de sujeitos, a monitoria tem sido percebida pelas docentes e monitoras como uma prática que humaniza o processo de ensino e aprendizagem, tornando-o mais horizontal e propenso à produção de conhecimento e de relações intersubjetivas mais próximas.

Por exemplo, as monitoras relataram que comumente conversam com os alunos das disciplinas sobre as dificuldades enfrentadas na vida acadêmica e os respectivos meios utilizados para superá-las. Elas procuram, dessa forma, desenvolver a autoconfiança dos alunos, que tendem a perceber que a superação de obstáculos é factível. No mesmo sentido, um estudo em IES particular no Rio Grande do Sul² salientou a identificação dos estudantes com os monitores, que são vistos como um modelo a ser seguido, o que favorece o aprendizado, na medida em que os alunos ganham autoestima e percebem a possibilidade de atingir o mesmo patamar do monitor.

As monitoras nesta experiência acreditam que o contato próximo com os alunos as fortalece emocionalmente, fazendo com que se sintam gratificadas e valorizadas. Esse tipo de valorização, como mostra o relato a seguir, é sentido pelas monitoras também em sua relação com as professoras:

Me sinto valorizada na monitoria [...]. Ao perceber que as professoras me incluem nas atividades da disciplina, me pedem opinião e também escutam o que tenho a dizer sobre diversas questões, me sinto valorizada e útil nas atividades que desenvolvo (Monitora-B).

As monitoras consideram a aproximação com as docentes um importante apoio emocional para seu desempenho acadêmico e suporte para a permanência na universidade. Estudos em outras IES também observaram que a proximidade com docentes traz benefícios emocionais aos monitores, favorecendo a superação dos desafios do cotidiano universitário.^{3,4} É pertinente comentar que a melhoria da qualidade de vida de estudantes de Nutrição depende de maior apoio pedagógico, social e psicológico,²⁹ sendo a monitoria uma possível via de contribuição nesse sentido. Cabe considerar ainda que, em contextos de interiorização como o do *Campus* UFRJ-Macaé,^{19,20} o apoio oriundo das relações humanas pode adquirir maior importância, pelo fato de equipamentos de suporte ao corpo social, tais como restaurante universitário e alojamento estudantil, não estarem operantes; e a muitos alunos serem originários de outras cidades, por vezes distantes.

O caminho de apoio mútuo e humanização, pavimentado pela monitoria nesta experiência, alcançou também as professoras. Uma delas comentou que:

Quando estou com as alunas de monitoria e vejo o desenvolvimento delas e o meu próprio enquanto educadora nesse processo, recobro ânimo e alegria para desenvolver minhas atividades docentes (Professora-B).

Esse comentário remete ao conceito de amorosidade desenvolvido por Paulo Freire, descrito como a potencialidade e a capacidade humana de colocar-se como interlocução ética e cultural no mundo e com o mundo.³⁰ Entendida nessa concepção, para além de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, a monitoria pode promover a construção subjetiva, como intencionado pelo princípio de humanização.

A noção de amorosidade também pôde ser identificada nos relatos das monitoras que, como aparece no trecho a seguir, se percebem atuando no papel docente e, por vezes, têm que se colocar no lugar dos alunos, constituindo uma dança de papéis que agrega, de maneira humanizada e intersubjetiva, aprendizado a todos.

Eu aprendi [na monitoria] o quanto é importante ter alguém que consiga dar uma atenção diferenciada para cada aluno, pois o monitor é alguém que já passou por aquela disciplina, é alguém que não é professor, é alguém com quem [...] sanar dúvidas sem vergonha ou qualquer tipo de preocupação. [...] Aprendi a ouvir os questionamentos e procurar sempre entender, até porque eu já estive no lugar deles [alunos] (Monitora-C).

Esse relato traz luz também à reciprocidade²⁶ que pode se constituir nas relações entre grupos ou indivíduos, quando é permitido aos sujeitos se colocarem como consciências livres e constroem em conjunto e mutuamente seu aprendizado, sem a dominação de um indivíduo sobre o outro. Nessa perspectiva, a presente experiência permite pensar o monitor como um agente promotor de aprendizagem recíproca, pois opera como um elo entre os atores envolvidos e, dessa forma, pode diluir possíveis hierarquias²⁵ e favorecer o ensino. Por exemplo, devido à vivência recente como alunas e ao seu conhecimento mais aprofundado sobre os temas da disciplina, percebeu-se que as monitoras são capazes de compreender os entraves enfrentados pelos estudantes e de aplicar exemplos tangíveis e significativos para eles. Na mesma direção, Frison² ouviu de graduandos que os monitores os ajudavam a compreender as explicações dadas pelos professores, e que as relações entre conteúdos e cotidiano estabelecidas pelos monitores davam mais sentido aos assuntos.

Aspectos de reciprocidade e de não dominação entre agentes do processo de aprendizagem se fizeram presentes nesta experiência também na relação entre monitoras e professoras. Seus encontros, para juntas repensarem as disciplinas, têm permitido ampliar a visão de ambas as partes. Nessas reuniões, as docentes podem ouvir as considerações e propostas de ajustes sugeridas pelas monitoras, com base em sua própria vivência e na escuta aos alunos. As monitoras, por sua vez, ouvem suas ex-professoras, agora orientadoras, sobre os empecilhos e dificuldades de colocar em prática tais sugestões. Dessa partilha de pontos de vista, humanizada e livre de opressão, têm surgido novos saberes e ideias para o aprimoramento da formação em Saúde Coletiva, além de, como será abordado a seguir, para o melhoramento didático e da formação docente.

Contribuição da monitoria à formação do docente de Nutrição

Percebeu-se nesta experiência que, ao orientar as monitoras e reorientar seus métodos didáticos, as professoras puderam repensar seu papel. Esse exercício de olhar para sua atuação foi, em si, considerado uma contribuição ímpar da monitoria para a formação das docentes.

Elas destacaram que a dinamicidade trazida pela monitoria à disciplina impede a “acomodação que tende a acontecer quando se realizam atividades semelhantes por longo tempo” (Professora-B). As monitoras fazem com que a disciplina tome a forma de “coisa viva” (Professora-A), que requer cuidado contínuo. Segundo as docentes, a constante interferência produtiva das monitoras traz um ritmo diferente à disciplina, fazendo com que o preparo das aulas aconteça em ação ininterrupta, não apenas pontual nos dias próximos da aula a ser ministrada. Além disso, o convívio com as monitoras tem ajudado as professoras a conhecer a visão de mundo dos alunos, “a entender melhor o que eles gostam, os interesses deles” (Professora-B). Tal potencial pedagógico da monitoria tem auxiliado as professoras a desenvolver com mais propriedade a curadoria do conhecimento.³¹

Diante do cenário contemporâneo de abundância de informações e de facilidade de acesso às mesmas, é essencial que os docentes procurem se colocar como curadores, selecionando temas, conteúdos e técnicas educativas que façam sentido na realidade de seus alunos; e auxiliando os mesmos na busca por aprender o que de fato é importante.

Contribuindo com um melhor exercício da curadoria, a monitoria tem auxiliado as professoras na identificação de pontos críticos nas disciplinas, tais como temas que poderiam ser ministrados de maneira mais facilitada. As professoras reconhecem que, diferentemente das monitoras, não compartilham das mesmas dificuldades que os alunos; e que “isso dá a elas [monitoras] uma ‘vantagem’ interessante no processo de ensinar e aprender” (Professora-B). Tal vantagem auxilia também o aprimoramento de materiais e estratégias pedagógicas, tornando “as aulas dinâmicas e bem avaliadas pelos alunos” (Professora-C). Além disso, as monitoras facilitam a comunicação entre professoras e alunos, o que favorece o ensino pelo fato de, por exemplo, incentivar a participação discente em atividades extraclasse.

As professoras relataram ainda que o convívio com as monitoras faz com que se preocupem mais com a qualidade do trabalho que realizam e, logo, busquem melhorar sua formação. Para atender às expectativas das alunas, “é como se, de certa forma, eu me policiasse para dar o melhor de mim como docente para ser um bom exemplo” (Professora-B).

O monitor solicita empenho diferenciado porque ele questiona o que fazer como atividade de monitoria, e aí o professor precisa ir atrás de movimentar em si esta habilidade docente que, a princípio, não reconhece em suas atividades. E assim acontece o movimento de construir a estratégia do ensinar-aprender, na demanda de ambos, docente e monitor, os quais vivenciam ao mesmo tempo o interesse, a dúvida e o encanto que envolve o processo de aprender a ensinar (Professora-A).

Agora pela ótica docente, esse relato reforça que as paredes hierárquicas historicamente presentes entre alunos e professores²⁵ podem se tornar mais permeáveis por meio da cumplicidade e do vínculo humano oriundos da monitoria. O relato também retoma a questão da informalidade entre os sujeitos, que favorece que o aprendizado ocorra de maneira horizontal, recíproca e numa relação intersubjetiva.²⁶

Ainda no relato da Professora-A, destaca-se um ponto crucial: a formação docente (ou falta desta). Identificou-se nessa experiência que o desafio de desenvolver atividades de monitoria tem sido colocado às docentes, sem ocorrer formação específica para tal. Cumpre citar que a formação de professores que lecionam nos cursos de graduação em Nutrição, assim como em outros cursos da área da saúde, carece de aprimoramento pedagógico.^{5,10} A maior parte dos docentes tem expertise acadêmica em suas áreas específicas, porém há ampla lacuna no que toca à formação para tornar-se professor e educador.

Esse é um problema grave, sobretudo quando se considera a responsabilidade dos docentes no direcionamento da formação profissional. Programas governamentais têm sido desenvolvidos a fim de reorientar a formação de graduandos da saúde, no sentido de incluir maior criticidade e adequação às demandas sociais.^{6,20} No entanto, para que a formação almejada aconteça, é necessário revisar também a formação dos docentes inseridos no processo.

A monitoria e a autonomia na formação do graduando de Nutrição

Discorre-se nesta seção sobre a potencialidade da monitoria em contribuir com uma formação diferenciada dos graduandos de Nutrição, no que se refere à autonomia de aprendizado e às habilidades dela decorrentes, que podem perdurar na vida profissional.

Os relatos das monitoras apontam que o aprendizado que emerge da monitoria é extremamente relevante para elas enquanto estudantes e futuras nutricionistas e profissionais de saúde. Tal aprendizado tem sido multidimensional, agregando domínio de conteúdos específicos; habilidades docentes, tais como oralidade e didática; bem como saberes relacionados com amadurecimento pessoal e ampliação de visão de mundo. Percebeu-se nesta experiência que, em comparação com estudantes que apenas cursaram a disciplina, as monitoras debruçam-se mais sobre os conteúdos, o que amplia sua visão crítica e capacidade de integração de assuntos a cada novo semestre em que revisam, se especializam e ensinam.

Monitores da área da saúde de outras IES brasileiras, tanto públicas,^{4,32} quanto privadas,^{2,3} também destacam essa amplitude do aprender, oriunda da monitoria. Por exemplo, Frison² salienta que, à medida que o monitor adquire habilidades relacionadas à docência, também maximiza seu potencial acadêmico em termos de aprofundamento de temas específicos. Santos e Batista⁴

observaram em IES no estado de São Paulo que o monitor vivencia situações que o preparam para atuar nos serviços de saúde, tais como o trabalho interdisciplinar, o convívio em grupo e a busca coletiva por soluções de problemas.

Voltando o olhar para monitores de Nutrição, pode-se considerar que a monitoria proporciona um conjunto de habilidades e competências diferenciadas, que se articula com a realidade e as singularidades, não apenas dos contextos profissionais em Saúde Coletiva,^{5,8,21} mas em todas as áreas da prática do nutricionista. Por exemplo, aptidões docentes, tais como oralidade e postura profissional, são subsídios aplicáveis e desejados na formação geral do nutricionista.⁷ Além disso, a experiência de monitoria pode cooperar com o exercício da função ética do nutricionista de auxiliar na preceptoria de estagiários; bem como fortalecer o papel de educador em Alimentação e Nutrição, que o nutricionista poderá desempenhar em todas as áreas de sua atuação, com vistas à promoção do autocuidado.⁷

As monitoras, nesta experiência, comentaram que a monitoria exige repensar constantemente as necessidades dos alunos, o que as obriga a refletir sobre sua própria experiência como estudante. Nessa direção, elas salientaram que a monitoria alterou a forma como estudam, incorporou maior criticidade sobre os conteúdos, melhor capacidade de seleção dos mesmos, mais organização em termos de ritmo e alocação do tempo de estudo. Essa tomada de consciência sobre seu próprio processo de aprender é uma contribuição-chave trazida pela monitoria à formação dessas monitoras.

Acerca desse assunto, Frison² aborda a noção de autorregulação da aprendizagem, que se refere às contribuições da monitoria para que os alunos passem a ter mais autonomia em seu processo de aprendizado, vindo a ser capazes de refletir sobre sua forma de estudar. Segundo o autor, a monitoria estimula procedimentos autorregulatórios, favorecendo, por exemplo, que os estudantes planejem melhor suas tarefas e consigam identificar mais facilmente os assuntos em que têm maior dificuldade. Via canal dialógico da monitoria, a autorregulação da aprendizagem é incentivada não apenas nos monitores, mas em todos os alunos envolvidos. No exercício de sua prática enquanto educadores, os monitores compartilham com os colegas suas experiências e dificuldades, o que contribui para que ambos, monitor e aluno, adquiram maior criticidade, responsabilidade e autonomia sobre seu processo de aprendizado.²

As sessões de monitoria em que alunos estudam juntos, de forma independente, com a curadoria do professor,²⁵ permitem pensar a autonomia do aprendizado discente também numa dimensão coletiva. Nessa perspectiva, a autonomia no aprendizado se desenvolve “entre iguais”, com alunos entre si, segurando as rédeas que conduzem e direcionam para onde querem ir por meio daquilo que aprendem. Vista por esse ângulo, a monitoria caminha em conformidade com a concepção freireana de uma pedagogia que favorece a autonomia dos sujeitos.¹⁸ A educação é um movimento continuado que, em um crescente ao longo do tempo, agrega autonomia, protagonismo e liberdade à vida dos sujeitos, conforme eles atuam como educandos e educadores entre si e de si mesmos.

Nesse sentido, pode-se vislumbrar que a independência e a autorregulação do aprendizado proporcionada pela monitoria durante a graduação favorecem a formação de nutricionistas com maior protagonismo e autonomia na vida profissional.

Ainda sob a perspectiva freireana da libertação do oprimido,¹⁵ é importante considerar o perfil feminino dos profissionais nutricionistas no Brasil.^{16,17} No que tange à autonomia profissional, existe uma questão de gênero relevante a ser considerada na formação de nutricionistas,¹⁶ em termos de opressão e passividade feminina num mundo historicamente constituído por homens.¹⁴ Na perspectiva de construção de autonomia oportunizada pela dialogia e protagonismo subjetivo, a monitoria pode representar um importante exercício (feminino) para o desenvolvimento profissional na direção de uma prática emancipatória.

(Des)entraves para o pleno desenvolvimento da monitoria

Na presente experiência, foram identificadas sobretudo duas dificuldades, que se correlacionam entre si e impedem que a monitoria seja desenvolvida em sua plenitude: carência de horário para realização das atividades; e baixa frequência discente nas atividades propostas pelas monitoras. Nesta seção, comenta-se sobre tais problemas e sobre os meios que, nesta experiência, têm sido utilizados para superá-los.

A escassez de horário livre comum, que permita o trabalho conjunto entre professoras, monitoras e discentes, consistiu na principal limitação sentida nesta experiência. Em especial, as monitoras comentaram sobre suas dificuldades e de seus colegas para se dedicarem a atividades extracurriculares, devido ao curso de Nutrição ocorrer em tempo integral. As professoras, por sua vez, relataram que as múltiplas demandas acadêmicas, próprias da sua profissão, dificultam o trabalho extraclasse em comum com as monitoras. Salienta-se que dificuldades de tempo para monitoria, devido à grade curricular inflada dos cursos, já eram identificadas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde a década de 1990.³³

Para minimizar essa dificuldade, as professoras têm buscado incluir as monitoras no seu cotidiano de trabalho. “Essa foi uma forma que encontrei para conseguir dar atenção a elas [monitoras], mesmo quando estou atribulada com outras atividades acadêmicas. Se eu não conseguir realizar junto delas atividades pensadas para esse fim [monitoria], ao menos as deixo ficar ao meu lado, acompanhando o que eu estiver fazendo” (Professora-B). O interessante dessa alternativa é que oportuniza a participação das monitoras em atividades docentes, que talvez não fossem incluídas em um planejamento de monitoria tradicional, tais como: reuniões de colegiado de curso, defesas de trabalhos acadêmicos e encontros de equipes de pesquisa e/ou de extensão para a discussão de resultados e delineamento de ações e publicações.

Essa articulação entre ensino, pesquisa e extensão amplia as possibilidades de aprendizado e estimula as monitoras a continuarem exercendo a monitoria. Compete destacar que é previsto pela LDB que os monitores desenvolvam atividades de pesquisa e extensão articuladas ao ensino,¹ pois tal integração, como observado por Albuquerque et al.,³² favorece a formação universitária como um todo. Menciona-se também o estudo de Borsatto et al.,³³ em que se observou evasão de estudantes dos programas de monitoria, devido a frustrações diante dos impasses à sua atuação como monitor e ao interesse por integrar atividades de iniciação científica. Esses estudos reforçam a pertinência da articulação da monitoria no contexto do tripé acadêmico ensino-pesquisa-extensão, uma vez que essa tríade coopera entre si, indissociavelmente, fortalecendo a universidade e, conseqüentemente, a prestação de serviços à sociedade.

Outro entrave identificado na presente experiência foi a baixa frequência discente nas atividades propostas pelas monitoras. As sessões de monitoria têm acontecido ao final da tarde ou à noite, o que é inevitável e percebido por todos como pouco produtivo. As monitoras relataram que frequentemente os alunos vêm aos encontros somente para sanar dúvidas; “chegam já querendo sair” (Monitora-A), possivelmente devido ao volume de outras tarefas acadêmicas que precisam concluir e ao cansaço inerente. As monitoras comentaram ainda que “quem vem na monitoria gosta e participa” (Monitora-B), mas a frequência de discentes é comumente baixa, “exceto nos períodos que antecedem as provas” (Monitora-A).

Por um lado, é compreensível a dificuldade dos estudantes em permanecerem na universidade após suas aulas; por outro, esse impasse é desestimulante para as monitoras e professoras, que se esforçam para transformar as sessões de monitoria em espaço de mútua construção do aprendizado. Uma das monitoras relatou que seu “temor inicial [ao entrar na monitoria] de não ser capaz de atender às demandas dos colegas recém-chegados à disciplina foi substituído pela preocupação com a baixa aderência deles aos recursos oferecidos” (Monitora-A). As monitoras perceberam que esse “temor inicial” poderia ser superado com estudo, mas que a pouca adesão de alunos era um entrave complicado, mesmo com o vínculo humano construído.

Na tentativa de solucionar esse problema, o uso de ambientes virtuais de aprendizagem pode ser um recurso promissor.³⁴ Porém, tanto nesta experiência, quanto na de Soares et al.,³⁴ as sessões de “monitoria *online*” e fóruns de discussão à distância têm sido considerados insuficientes para elevar a participação dos alunos.

Para além da indisponibilidade de tempo, a baixa adesão discente pode ser devida a outros fatores, como por exemplo, desinteresse associado à falta de conhecimento sobre o papel da monitoria.³ As próprias monitoras relataram que, antes de iniciarem a monitoria, imaginavam que esta “se resumia apenas em se encontrar com os alunos [...] para tirar as dúvidas mais frequentes e/ou explicar alguma parte da matéria novamente” (Monitora-B). Em parte por esse entendimento limitado, as monitoras não costumavam participar das monitorias nas disciplinas que cursavam.

Elas destacaram, ainda, que não tiveram uma experiência interessante ao participar de atividades de monitoria em disciplinas da área básica biomédica, que acontecem nos primeiros períodos do curso de Nutrição.

Essa vivência prévia foi considerada negativa e um possível fator que desestimula a participação de estudantes nas atividades propostas pela monitoria no ESC. Associa-se a isso a bagagem de experiências educativas com que os alunos chegam à universidade, comumente recheada de elementos que são resultado de uma educação bancária, pouco reflexiva e isenta do reconhecimento de que a aprendizagem se constrói na interação entre educador-educando e meio social-educador-educando.¹⁵

Para estimular a frequência e a interação dos discentes nas atividades de monitoria no ESC, algumas disciplinas têm adotado a atribuição de nota para participação nessas atividades. Almeja-se, dessa forma, incentivar que os estudantes participem da monitoria e possam perceber seus objetivos e benefícios para a formação profissional. Pretende-se construir uma nova cultura institucional sobre a monitoria, de maneira que esta possa se inserir na rotina acadêmica, não como uma atividade acessória, e sim de forma inerente ao ensino, favorecendo a formação de profissionais autônomos, libertos e imbuídos de humanização no cuidado em saúde.

Conclusões

Esta experiência revelou a potencialidade da monitoria enquanto estratégia pedagógica na formação em Nutrição, mormente por agregar mais humanização e autonomia ao processo de ensino-aprendizagem, - características fortemente requeridas ao profissional nutricionista.

O canal dialógico proporcionado pela monitoria no ESC tem contribuído para a melhoria do ensino no curso de Nutrição e para o fortalecimento da formação, não apenas das monitoras e dos alunos, mas também das professoras envolvidas. A maneira crítica, humana e articulada com que a monitoria no ESC tem sido realizada o torna um espaço profícuo para o desenvolvimento cooperado da tríade ensino-pesquisa-extensão.

Indisponibilidade de horário para o trabalho coletivo e pouca adesão dos alunos foram os principais obstáculos para o desenvolvimento da monitoria identificados nesta experiência. Algumas alternativas têm sido aplicadas internamente em cada disciplina para superar tais entraves, mas os êxitos são ainda tímidos.

Uma vez que a origem das dificuldades identificadas, bem como grande parte da sua governabilidade, situa-se fora do domínio das disciplinas do ESC, é pertinente buscar formas de ampliar a discussão sobre monitoria nas diferentes esferas acadêmicas, numa tentativa de pautar a demanda por alterações na organização do horário curricular.

De forma análoga ao que se tem pensado na contemporaneidade acerca da inclusão da extensão no currículo formal dos cursos de graduação,³⁵ poder-se-ia considerar a inclusão de horário específico para as atividades de monitoria dentro da carga horária semanal dos cursos. A atual conjuntura de mudança no ensino superior brasileiro pode ser um momento oportuno para modificações curriculares, em especial num *campus* de interiorização, onde tende a existir maior flexibilidade para reformulações. Dessa forma, não somente o desafio da conciliação de horários seria minimizado, mas principalmente um maior coletivo de graduandos e graduandas poderia vivenciar os benefícios da monitoria.

Colaboradores

Lourenço AEP, Botelho LV e Viana MR responsabilizaram-se pela concepção e delineamento do estudo. Lourenço AEP responsabilizou-se pela análise dos dados qualitativos. Todas as autoras contribuíram com o relato da experiência e com a redação do manuscrito.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Referências

1. Brasil. Lei Federal nº. 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Diário Oficial da União 23 dez. 1996.
2. Frison LMB. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. *Pro-Posições* 2016; 27(1):133-153.
3. Natário EG, Santos AAA. Programa de monitores para o ensino superior. *Estud Psicol.* 2010; 27(3):355-364.
4. Santos GM, Batista SHSS. Monitoria acadêmica em formação em/para saúde: desafios e possibilidades no âmbito de um currículo interprofissional em saúde. *ABCS Health Sci.* 2015; 40(3):203-207.
5. Rossoni E, Lampert J. Formação de profissionais para o Sistema Único de Saúde e as Diretrizes Curriculares. *Bol Saúde* 2004; 18(1):87-98.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde - Pro-Saúde: objetivos, implementação e desenvolvimento potencial. Brasília: MS/ME; 2007.
7. Brasil. Resolução nº 5/CNE/CES. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição. Diário Oficial da União 7 nov. 2001.
8. Recine E, Gomes RCF, Fagundes AA, Pinheiro ARO, Teixeira BA, Sousa JS, et al. A formação em saúde pública nos cursos de graduação de nutrição no Brasil. *Rev Nutr.* 2012; 25(1):21-33.
9. Banduk MLS, Ruiz-Moreno L, Batista NA. A construção da identidade profissional na graduação do nutricionista. *Interface Comum. Saúde Educ.* 2009; 13(28):111-120.

10. Costa NMSC. Formação pedagógica de professores de nutrição: uma omissão consentida? *Rev Nutr.* 2009; 22(1):97-104.
11. Guimarães RGM, Rego S. O debate sobre a regulamentação do ato médico no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva* 2005; 10(Supl.):7-17.
12. Almeida MCP, Mishima SM. O desafio do trabalho em equipe na atenção à Saúde da Família: construindo “novas autonomias” no trabalho. *Interface Comun. Saúde Educ.* 2001; 5(9):150-153.
13. Boog MCF. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. *Revista Ciência & Saúde* 2008; 1(1):33-42.
14. Beauvoir S. *O segundo sexo. v. 2: a experiência vivida.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1980.
15. Freire P. *Pedagogia do Oprimido.* 46ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2005.
16. Souza LKCS, Campos FM, Kraemer FB, Machado PAN, Carvalho MCVS, Prado SD. Gênero e formação profissional: considerações acerca do papel feminino na construção da carreira de nutricionista. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde* 2016; 11(3):733-788.
17. Brasil. Conselho Federal de Nutricionistas. *Perfil de atuação profissional do nutricionista no Brasil.* Brasília: CFN; 2006.
18. Freire P. *Pedagogia da autonomia.* 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 1996.
19. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. *A democratização e expansão da educação superior no país 2003-2014.* Brasília: SESu; 2015.
20. Lourenço AEP, Cordeiro AA, Capelli JCS, Oliveira RBA, Pontes PV, Almeida MFL, et al. Programa de Educação Pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) e a formação do nutricionista num campus de interiorização. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde* 2017; 12(1):41-58.
21. Recine E. *Consenso sobre habilidades e competências do nutricionista no âmbito da Saúde Coletiva.* Brasília: Observatório de Políticas de Segurança e Nutrição; 2013.
22. Brasil. Ministério da Saúde. *Caderno de educação popular e saúde.* Brasília: Ministério da Saúde; 2007.
23. Thiollent M. *Metodologia da pesquisa-ação.* 18ª ed. São Paulo: Cortez; 2011.
24. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas.* Brasília: MDS; 2012.
25. Gramsci A. *Cadernos dos Cárcere.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2001.
26. Beauvoir S. *Pour une morale de l'ambiguïté.* 2ª ed. Paris: Gallimard; 1947.
27. Bardin L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70; 1995.
28. Brasil. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Humanização.* Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
29. Baraldi S, Bampi LNS, Pereira MF, Guilhem DB, Mariath AB, Campos ACO. Avaliação da qualidade de vida de estudantes de nutrição. *Trab. Educ. Saúde* 2015; 13(2):515-531.
30. Fernandes CMB, Viola SE. Autonomia e conhecimento: algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias. *Educ Rev.* 2004; 20(2):99-108.

31. Cortella MS, Dimenstein GA. A era da curadoria: o que importa é saber o que importa! Campinas: Papirus 7 Mares; 2015.
32. Albuquerque MAC, Amorim AHC, Rocha JRFC, Silveira LMFG, Neri DFM. Bioquímica como sinônimo de ensino, pesquisa e extensão: um relato de experiência. Rev Bras Educ Med. 2012; 36(1):137-142.
33. Borsatto AZ, Oliveira NECC, Silva PDD, Rocha PR, Assis F, Lopes GT. Processo de implantação e consolidação da monitoria acadêmica na UERJ e na Faculdade de Enfermagem. Esc Anna Nery 2006; 10(2):187-194.
34. Soares ALAG, Dias CP, Vidal EIO, Coeli CM, Almeida LM, Camargo Júnior KR. Utilização de um serviço de monitoria virtual voltado para o ensino de epidemiologia na graduação médica. Physis 2003; 13(1):39-58.
35. Brasil. Lei Federal nº. 13.005 de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União 26 jun. 2014.

Recebido: 07/05/2017

Revisado: 23/06/2017

Aceito: 23/09/2017

